

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

E a Vida Continua

3 e 9 de Julho de 2020

IL BOOM / 1963

Negócio à Italiana

um filme de Vittorio De Sica

Realização: Vittorio De Sica / **Argumento:** Cesare Zavattini / **Fotografia:** Armando Nannuzzi / **Som:** Anna Chiosi / **Montagem:** Adriana Novelli / **Música:** Piero Piccioni / **Direcção Artística:** Ezio Frigerio / **Cenários:** Emilio D'Andria / **Guarda-Roupa:** Lucilla Mussini / **Interpretação:** Alberto Sordi (Giovanni Alberti), Gianna Maria Canale (Silvia Alberti), Ettore Geri (Sr. Bausetti), Elena Nicolai (Sra. Bausetti), Alceo Barnabei (Baratti), Federico Giordano (pai de Silvia), Antonio Mambretti (Faravalli), Silvio Battistini (Riccardo), Sandro Merli (Dronazzi), John Karlsen (Oculista), Ugo Silvestri (Gardinazzi), Gloria Cervi (Sra. Baratti), Gino Pasquarelli (Director), Maria Grazia Buccella (Secretária), Mariolina Bovo (Sra. Faravalli), Felicita Tranchina (mãe de Giovanni).

Produção: Dino de Laurentiis Cinematografica (Itália) / **Produtor:** Dino De Laurentiis / **Direcção de Produção:** Giorgio Morra / **Cópia:** em DCP, preto e branco, legendada em francês e electronicamente em português / **Duração:** 89 minutos / **Estreia Mundial:** 30 de Agosto de 1963 / **Estreia em Portugal:** 17 de Dezembro de 1964, Estúdio / Primeira exibição na Cinemateca.

Il Boom é uma sátira corrosiva a uma sociedade de consumo desenfreado, que tem lugar durante o “milagre económico italiano” do pós-II Guerra, em que os valores e toda a ética são postos de lado em prol da acumulação de capital. Tudo isto é apresentado sob a forma de uma comédia negra com Alberto Sordi como protagonista de um “Negócio à italiana” (o título português do filme), e que corresponde a um dos grandes títulos do género da *commedia all'italiana*, assinado por Vittorio De Sica no ano de 1963, que é também o ano do mais famoso **I Mostri**, de Dino Risi.

O mordaz argumento de **Il Boom** é de Cesare Zavattini que, com De Sica, assinou vários clássicos do cinema neo-realista, como **Ladrões de Bicicletas** (1948) ou **Umberto D.** (1951) e muitos outros filmes, formando uma das mais proficuas duplas do cinema italiano. Aqui mantêm-se as preocupações sociais, mas o tom é mais de sátira social numa comédia extremamente ácida na sua feroz crítica da sociedade de consumo e das aparências, em que os fins justificam todos os meios. O humor alia-se assim a personagens e a situações realistas envolvidas num mundo surreal (que é o nosso), o que transforma **Il Boom** num filme tão perturbante.

O grande crescimento económico italiano, que proporcionou o rápido enriquecimento de muitos e o êxodo maciço e a expansão económica das grandes cidades, sobretudo no Norte de Itália (em grande contraste com o Sul), documentados em tantos filmes de realizadores tão distintos, de Ermanno Olmi a Antonioni, encontra aqui um excelente

retrato, que acompanha o modo de vida dos ricos e de um “ex-funcionário ministerial” que se deixa “aprisionar” numa redoma dourada e nos hábitos luxuosos da sua mulher e de uma família que vive para lá dos seus meios (Sordi é acompanhado pela excelente Gianna Maria Canale). O retrato de Roma, com os seus modernos e imponentes blocos de apartamentos recém-construídos, irrepreensivelmente fotografado por Armando Nannuzzi, é admirável, revelando, em magníficos planos-gerais, as contradições e as utopias urbanísticas dos inícios dos anos sessenta.

Em **Il Boom** todos parecem enriquecer rapidamente, excepto Giovanni, o protagonista, que se afunda em dívidas e em mentiras e esquemas-manhosos para as tentar resolver, e tudo se materializa num “acto sacrificial” (mais um “negócio”) em que o protagonista se vê envolvido. A solução é-lhe oferecida pela “assustadora” Signora Bausetti (Elena Nicolai, cantora de ópera que tem aqui o seu primeiro papel no cinema), mulher de um rico construtor civil, habituada a tudo conseguir com o seu dinheiro.

Tudo parece estar à venda e tudo se descontrola no meio desta farsa ostensiva, metáfora gigantesca sobre a frieza e a voracidade da máquina capitalista e de um mundo que nada perdoa. Se, no meio da hipocrisia reinante, uns cedem os escrúpulos em troca de dinheiro, outros cederão os próprios órgãos, o limite de toda a humanidade. E se, no seu final, **Il Boom** conquista um teor surrealizante, acentuamos simultaneamente o lado realista do filme, pois sabemos que para escrever o seu argumento Zavattini se baseou numa notícia que leu no jornal, e sabemos como o tráfico de órgãos é uma prática instalada. “Vender uma parte do corpo é ilegal, como sabe”, frisa a Signora Bausetti quando ainda não estava ultrapassada a incredulidade de Giovanni.

Curiosamente **Il Boom** estreou em Portugal e em muitos outros países, mas não teve estreia nos Estados Unidos até 2017, pelo que na sua estreia recente foi apresentado como um dos mais raros filmes de De Sica. E, como escreveu Gino Moliterno por essa altura na revista *Senses of Cinema*, citando o historiador de cinema Enrico Giacovelli, “este é um dos filmes mais sub-avaliado do par De Sica-Zavattini e uma das pequenas obras-primas da *commedia all’italiana*”, género que se desenvolveu em Itália entre finais dos anos cinquenta e meados dos anos setenta como um reflexo dos profundos dilemas morais e das contradições sociais provocadas pelo “milagre económico italiano”, também conhecido como “il boom”, expressão que De Sica optou por conservar no título do filme.

Comédia de uma crueza extrema, ou não representassem os olhos um limite máximo da crueldade – são os olhos os órgãos que tanto fascinavam os surrealistas, do Buñuel de **Un Chien Andalou**, a Georges Bataille, passando por Artaud –, é neste aspecto que se acentua a dureza desta crítica à sociedade italiana que encontra no corpo e no rosto de Alberto Sordi uma sublime expressão.

Joana Ascensão